

**ALVES, MARCO ANTÔNIO SOUZA.
UMA GENEALOGIA DO AUTOR: A EMERGÊNCIA
E O FUNCIONAMENTO DA AUTORIA MODERNA.
BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2021.**

Priscila Céspedes Cupello¹

O livro intitulado *Uma genealogia do autor: a emergência e o funcionamento da autoria moderna*, de Marco Antônio Souza Alves, soma-se potently às narrativas que giram em torno do tema da autoria, desenvolvendo uma genealogia singular acerca do autor moderno, além de elaborar uma autocrítica ao trabalho que todos nós realizamos ao escrever e conseqüentemente ao nos tornar autores. Marco Alves erige-se como autor ao escrever um livro que problematiza o próprio lugar da autoria na ordem discursiva, a posição sujeito-autor e seus mecanismos de saber-poder nos jogos discursivos. O escrito é uma adaptação de sua tese de doutorado em filosofia, cuja defesa ocorreu em 2014 e que recebeu o prêmio UFMG de teses e menção honrosa no Prêmio Capes de Tese 2015 na área de Filosofia/Teologia, sendo em 2021 publicada em formato de livro pela Editora UFMG.

A primeira parte do livro, intitulada “A autoria em questão”, contém quatro capítulos que tratam do posicionamento da “função-autor”, a história e os mecanismos de poder na figura autoral. Essa seção aprofunda os debates de cunho teórico e metodológico, analisando as relações entre

¹ Doutora e Pós-doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação Lógica e Metafísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLM/UFRJ) – Bolsista Faperj / <cupello.priscila@gmail.com>.

autor, discurso, sujeito e poder. Marco Alves alinha-se com a perspectiva do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984), principalmente, em seus trabalhos entre os anos de 1969 e 1970, tais como: *O que é um autor?* (1969), *A arqueologia do saber* (1969) e *A ordem do discurso* (1970).

O livro de Marco Alves reatualiza alguns questionamentos presentes no texto *O que é um autor?*, tais como: “o que é, pois, essa curiosa unidade que se designa com o nome obra? De quais elementos ela se compõe? Uma obra não é aquilo que é escrito por aquele que é um autor? Vemos as dificuldades surgirem” (FOUCAULT, 1994, p. 794).² Para o filósofo, o autor não é um nome próprio. Ele destaca que “Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou de *O chiste*; Marx não é simplesmente o autor do *Manifesto* ou do *Capital*: eles estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos” (FOUCAULT, 1994, pp. 804-805).³ Marco Alves retoma as proposições foucaultianas, recusando a ideia de que um autor possa ser definido de acordo com certa noção de identidade, constância, coerência, que se organiza em uma dada obra. Sendo assim, um autor inaugura um campo de possibilidades discursivas infinitas que giram em torno de seu nome.

No primeiro capítulo do livro, intitulado “Utilizando Foucault”, Marco Alves se afasta da posição de comentador, situando-se como um “utilizador” dos trabalhos foucaultianos, aceitando o convite que insistentemente o filósofo fazia para o seu público de leitores, ou seja, que utilizassem seus conceitos e noções para pensar novas problemáticas de pesquisa. Todavia, é importante salientar que “a liberdade de utilização [do pensamento de M. Foucault] não deve encobrir ou justificar todo tipo de reducionismo simplificador ou deturpação descabida” (p. 20). A partir dessa premissa, Marco Alves abraça a ideia da escrita como um exercício de experimentação e reflexão de pensamento, produzindo a sua própria genealogia da autoria moderna. Segundo ele, o autor será analisado “como algo que ocupa um lugar no discurso e exerce determinadas funções” (p. 22).

No segundo capítulo do livro, intitulado “O funcionamento da função-autor”, ele retoma a ideia de “função-autor” encontrada nos

² “Qu’est-ce donc que cette curieuse unité qu’on désigne du nom d’oeuvre? De quels éléments est-elle composée? Une oeuvre, n’est-ce pas ce qu’a écrit celui qui est um auteur? On voit les difficultés surgir.” As traduções de citações são minhas.

³ “Freud n’est pas simplement l’auteur de la *Traumdeutung* ou du *Mot d’esprit*; Marx n’est pas simplement l’auteur du *Manifeste* ou du *Capital*: Ils ont établi une possibilité indéfinie de discours.”

trabalhos de Foucault, segundo a qual “a função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (FOUCAULT, 1994, p. 798).⁴ É importante pensar a “função-autor” como “instauradores de discursividades” [instaurateurs de discursivité], tais como os trabalhos de Marx e Freud, que funcionam como uma abertura para múltiplas formas de narrativas possíveis (FOUCAULT, 1994, p. 805).

Na segunda parte do livro, denominada “A construção do autor moderno”, a genealogia proposta por Marco Alves propriamente se desenvolve. Esta seção contém três capítulos e vale-se da periodização proposta por Roger Chartier (1992) no seu ensaio intitulado “Figuras do autor”, que integra o livro *A ordem dos livros*. A genealogia do autor moderno é construída focando os deslocamentos que a noção de autoria percorre ao longo do tempo na Inglaterra, França e Alemanha.

“Marco Alves desenvolve a sua genealogia em três fases: a primeira, recuando até os séculos XIV e XV, com o aparecimento do autor como *auctoritas*, ou seja, como figura de autoridade consolidada, a partir da materialidade discursiva contida nos livros unitários, que é distinta da circulação no medievo; posteriormente, nos séculos XVI e XVII, há mudanças significativas para a autoria com a introdução da máquina de impressão tipográfica, que propiciou a circulação de livros em uma escala muito maior e o surgimento do autor como transgressor das regras e valores e, portanto, como alguém que poderia ser punido na esfera penal e controlado com censuras (como, por exemplo, pelo Index da Igreja Católica) – Marco Alves também destaca que nesse período são os livreiros e editores que aparecem como detentores de direitos; e, por fim, no século XVIII, o autor emerge como proprietário, tanto de ordem moral quanto pessoal sobre suas obras, a partir de mudanças no campo do direito, além da consolidação do mercado livreiro e das novas práticas de produção, recepção e circulação das obras. Portanto, podemos perceber que a figura do autor surge primeiramente como alguém passível de ser punido penalmente, para somente no século XVIII ser abrangido também civilmente, como alguém detentor de direitos.

Marco Alves vai destacar também a emergência do autor comercial e do editor moderno, conjuntamente com a expansão do mercado editorial, que aparece mais consolidada no século XIX. Podemos dizer que ele elabora

⁴ “[...] la fonction auteur est donc caractéristique du mode d’existence, de circulation et de fonctionnement de certains discours à l’intérieur d’une société”.

uma genealogia “acontecimental”, focando as diversas facetas que a noção de autoria assume no decorrer do tempo em alguns países europeus.

Portanto, o livro *Uma genealogia do autor: a emergência e o funcionamento da autoria moderna* serve de exemplo para que novos trabalhos possam se inspirar no projeto de utilização da ferramenta foucaultiana de análise a fim de pensar novos objetos de pesquisa e na produção escrita enquanto experimentação e reflexão de pensamento.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Qu'est-ce qu'un auteur? In: *Dits et écrits*. T. 1. Paris: Gallimard, 1994[1969], pp. 789-820.

Recebido : 28/2/2022

Aceito : 23/9/2023

Publicado : 31/12/2023